

JORNAL: VEJA LOCAL: SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
 DATA: 6/10/1982 AUTOR: VEJA
 TÍTULO: PRAZER DE PINTAR
 ASSUNTO: _____



José Roberto Aguillar: um gigantesco painel com rabiscos divertidos de cores luminosas

FOTOS LULA RODRIGUES

constatou que o rei está nu, pintores, críticos e amadores (termo que, aliás, já não se usa, pois parece indecente amar a arte) descobriram que pintura é feita de formas, linhas e cores.

GRITO DE ALÍVIO — A descoberta deste fato tão óbvio foi começando a tornar-se pública nas feiras internacionais e durante a Documenta de Kassel, de 1977. Afirmou-se na deste

Arte

Prazer de pintar

No Rio, a boa qualidade de 17 artistas

A pesar dos críticos e dos artistas — tantas vezes interessados mais em teorias que em pincéis e tintas — não se parou de fazer pintura e de boa qualidade. Alegre prova disto pode-se ver no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), onde, sob o título *Entre a Mancha e a Figura*, se exhibe a obra de dezessete artistas* — dos quais três mortos — que, embora diversos entre si, parecem encontrar um denominador comum: a sensualidade no manejo das cores.

A cor, pouco importa se aparecendo em manchas ou figuras, é a grande vedete dessa mostra, organizada pelo crítico de arte Frederico de Moraes que, tendo consciência disto, citou, ao apresentar os trabalhos, um trecho do diário do pintor suíço Paul Klee, escrito no norte da África, em abril de 1914: "A cor me possui. Eu não necessito mais per-

seguir-la. Ela me possui para sempre. Eu e a cor somos um. Eu sou pintor".

Esta euforia de Klee poderia ser atribuída a qualquer um dos artistas que expõem. Mesmo quando a realidade que mostram é trágica — como a de Ivan Serpa — ou vulgar, violenta e banal — como a de Rubens Gerchman — ela é sempre sensual e provoca um irresistível entusiasmo.

Este prazer de pintar — cuja consequência é o prazer de ver o que foi pintado — durante tanto tempo ficou confinado às reminiscências que evocá-lo parecia coisa de historiador saudosista. Mas, de uns anos para cá, com o mesmo alívio com que o povo do conto

ano. Kassel, um dos templos mais respeitados da vanguarda, mostrou este ano, na 7.ª Documenta — uma grande exposição dedicada principalmente à pintura —, que, chegando ao fim, o século XX parecia disposto a rever alguns de seus conceitos, entre eles a valorização excessiva do lado mental da arte em detrimento do fazer arte. Tendência esta que, em uma época que se quer cada vez mais consciente das aspirações do povo, levou a um divórcio quase absoluto entre este e os artistas.

Mais que estes ou que os compradores, os grandes culpados deste mal-entendido terão sido os críticos de arte. Personalidades como o francês Pierre Restany — que durante anos foi o papa da vanguarda — muito concorreram para fazer da pintura uma confirmação caricata da afirmação de Leonardo da Vinci de que ela é uma coisa mental. Processo que se tornou tão cansativo e penoso para todos que a abertura de uma exposição como esta do MAM do Rio aparece como um grito de alívio.

Mas, se na história da crítica da arte é importante anotar-se a ressurreição da pintura como um dos fenômenos dos anos 80, seria um erro acreditar-se demais no milagre dessa ressurreição. Morta nas exposições, nos jornais e nas revistas especializadas, a pintura nunca morreu. Durante muito tempo, muita coisa deixou de ser mostrada, o que dava ao público a impressão de que os artistas estavam



Os Duendes: momento importante na obra de Ivan Serpa

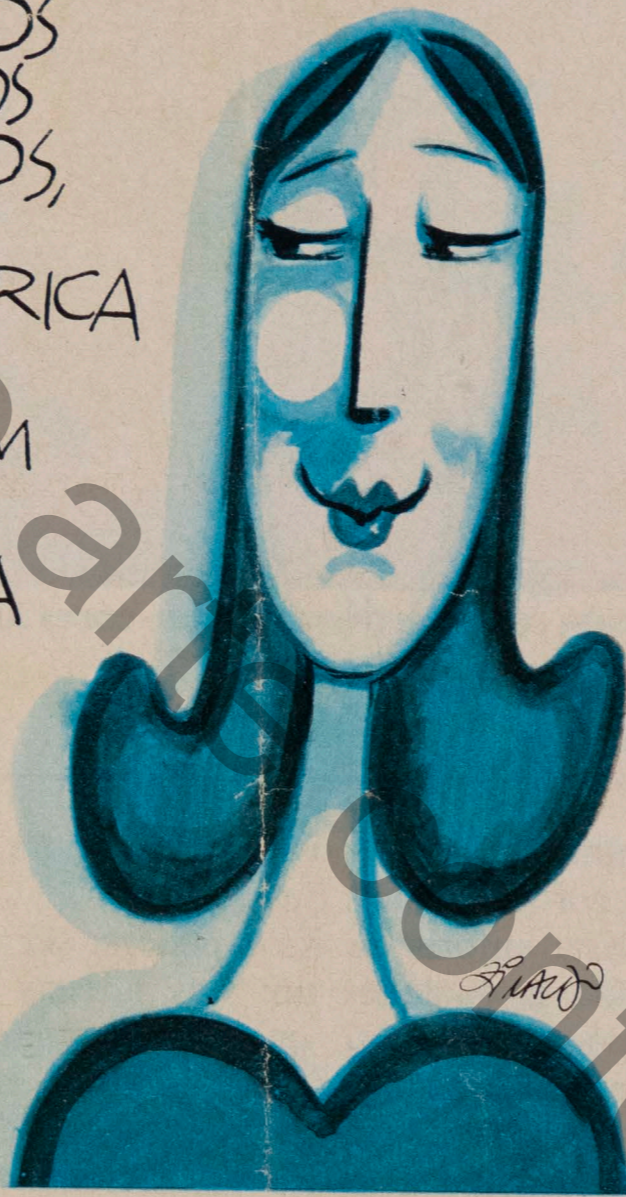
* Arthur Barrio, Carlos Fajardo, Charles Watson, Claudio Kuperman, Dudi Maia Rosa, Ernesto De Fiori, Flávio de Carvalho, Flávio Shiró, Humberto Espindola, Iberê Camargo, Ivan Serpa, Ivald Granato, Jorge Guinle Filho, José Roberto Aguillar, José Claudio, Luiz Aquila e Rubens Gerchman.

JORNAL: VEJA LOCAL: SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
 DATA: 6 / 10 / 1982 AUTOR: VEJA
 TÍTULO: PRAZER DE PINTAR
 ASSUNTO: _____

BOA APARÊNCIA



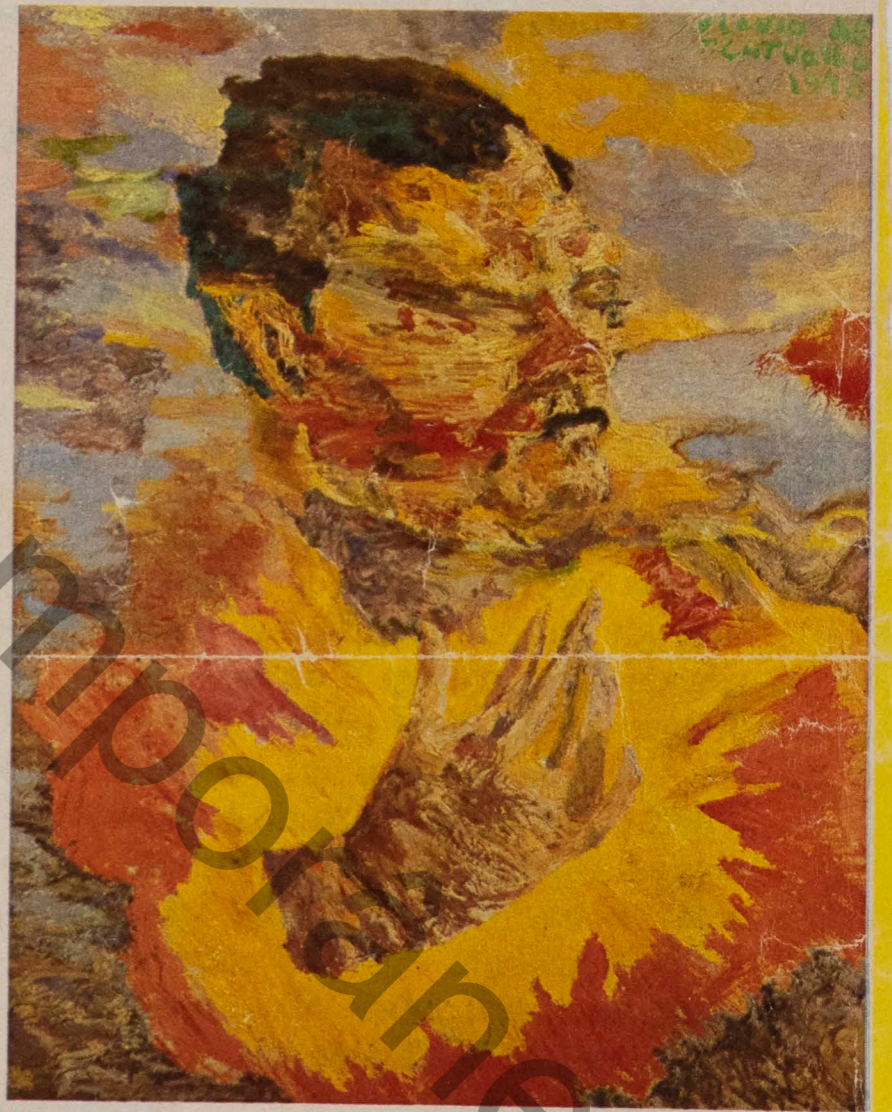
ALIMENTOS
 CORTADOS
 E FATIADOS,
 COM
 A FACA ELÉTRICA
 ARNO,
 AGRADAM
 DESDE
 A PRIMEIRA
 VISTA.



interessados em fazer tudo menos pintura. Mas eles continuavam trabalhando.

BOA QUALIDADE — A prova é esta exposição. Ela não exhibe uma novidade. Mostra a persistência — que nos anos do intelectualismo parecia quase maníaca — dos pintores que preferem pintar. Flávio de Carvalho (1899-1973) — que comparece com, entre outras coisas, um excelente retrato de José Lins do Rego — não é, de modo algum um antepassado de Luiz Aquila, com o prazer largo de seus vermelhos e azuis. Nem podem ser classificados juntos. Têm entre si, de comum, só o fato de serem bons pintores.

A boa qualidade é, aiás, a única



LULA RODRIGUES

O retrato de José Lins do Rego

que junta as obras desta exposição. O rabisco luminoso de José Roberto Aguillar se situa quase no extremo do colorido denso e pensado de Iberê Camargo. Neste, não teria significado separar-se as figuras humanas das coisas abstratas, ou abstratas quase.

A natureza aparece — resumida ao essencial — no *Petrópolis 1973* de Claudio Kuperman, assim como as figuras luminosas botam — literalmente — o nariz de fora dos quadros de Arthur Barrio. Mas que têm eles a ver com o expressionismo de Ivan Serpa que, com os *Duendes*, conseguiu um dos momentos mais bem resolvidos de sua obra? Nada. Exceto o fato de pertencerem ao grupo fechado e persistente dos pintores que pintam. Um prazer.

MARINHO DE AZEVEDO

Os bancos
 que instalaram o
 Sistema Philips
 de Iluminação já
 estão vendo a
 cor do dinheiro.



PHILIPS

Um banco é um lugar público. E um lugar público tem que ser bem iluminado. O Sistema Philips de Iluminação sabe cuidar disso como ninguém.

São lâmpadas, luminárias e reatores que, integrados através de indicações para um planejamento adequado, oferecem a você um uso racional de energia, com uma iluminação total, bem distribuída. Em pouco tempo, você começa a ver a cor do dinheiro do investimento feito. Economize energia! Acenda o Sistema Philips de Iluminação.

Philips do Brasil Ltda. - Grupo Comercial de Iluminação - Caixa Postal 8681 - S. Paulo

Sistema Philips de Iluminação